

LOUIS-FERDINAND CÉLINE

VIAGEM AO FIM DA NOITE

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1952 Éditions Gallimard

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A publicação desta obra contou com o apoio do Ministério da Cultura do governo francês

Título original

Voyage au bout de la nuit

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Céline, Louis-Ferdinand

Viagem ao fim da noite / Louis-Ferdinand Céline ; tradução
Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Voyage au bout de la nuit.

ISBN 978-85-359-1455-9

1. Romance francês I. Título.

09-03864

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

APRESENTAÇÃO

LOGO QUE *VIAGEM AO FIM DA NOITE* foi publicado, em outubro de 1932, o escritor Georges Bernanos percebeu, arguto, que seu autor Louis-Ferdinand Céline fora criado por Deus para escandalizar. Por sua linguagem popular e desabrida, até então desqualificada pelos escritores de bem, pela violência com que seu herói Ferdinand Bardamu denunciava a torpeza da sociedade, o romance de estreia de Céline, um médico de 38 anos, de fato escandalizou. *Viagem* conquistou uma legião de fãs tão diversos quanto Henry Miller, que confessou ter reescrito *Trópico do Câncer* depois de lê-lo nas provas tipográficas, e Joseph Stálin, que o elegeu como livro de cabeceira. Nos meses que se seguiram ao lançamento o romance mereceu nada menos de cem artigos entusiastas ou indignados. Em um ano as vendas se aproximavam dos cem mil exemplares e estavam a caminho as primeiras traduções, para o tcheco, o inglês, o holandês e o russo, esta feita por Elsa Triolet, mulher do poeta comunista Louis Aragon.

Porém, o endeusado Céline não demorou a cair do pedestal. A partir de 1937, quando publicou o primeiro dos três famosos panfletos antissemitas, hoje só encontrados em raras bibliotecas, e passou a fazer uma odiosa defesa das posições nazistas, ele foi execrado por legião talvez maior. Talento nem seus inimigos lhe negaram, mas o gênio literário não absolve todos os pecados, menos ainda os capitais. Até hoje a imagem de Céline é polêmica, como ficou claro em 1992, quando a casa de Meudon onde viveu seus últimos anos foi tombada pelo Ministério da Cultura e, semanas depois, *destombada* pelas autoridades municipais.

Mal surgiu nas livrarias, *Viagem ao fim da noite* despontou como o favorito para ganhar o prêmio Goncourt daquele ano.

Mas no último instante dois jurados se negaram a sufragar um romance repleto de “expressões ultrajantemente triviais, grosseiras e intoleráveis [...]”, mesmo nas circunstâncias em que são utilizadas”. Há que situar no tempo os pundonores linguísticos dos veneráveis acadêmicos. Em 1932 Marcel Proust pontificava na grande literatura. Fazia só cinco anos que saíra o último volume de *Em busca do tempo perdido*. Ora, tudo o que em Proust era delicadeza, fineza, meios-tons, harmonia, em Céline era grosseria, crueza, violência, deformação. Hoje, um e outro são fervorosamente cultuados por devotos no mundo inteiro. Mas há sessenta anos, a audácia de Céline parecia tanto maior quanto ele pretendia, assim como seu intimidativo predecessor, renovar a língua francesa. O que fez; só que, digamos, às avessas, a partir da linguagem oral e popular. Foi este o grande achado de Céline, ser um Proust da plebe, segundo a fórmula de um crítico da época. Bardamu é um anticonformista, um revoltado, um iconoclasta; assim será a linguagem de seu criador. Juntar palavras que não se juntam, mudá-las de seu lugar habitual na frase, usar elipses que comprometem a clareza do texto, gírias e palavões, criar uma pontuação sui generis que até hoje arreperia os cabelos dos revisores mas marca o ritmo inconfundível de sua prosa: *Viagem ao fim da noite* já contém todos os elementos do estilo de Céline, que no entanto vai elaborá-lo cada vez mais nos sete romances seguintes.

Céline muito falou sobre sua vida e sua obra. Disse uma vez que *Viagem* lhe consumiu cinquenta mil páginas, reduzidas depois para as seiscentas da primeira edição. Hoje se sabe que seu processo criativo se baseava, ao contrário, muito mais em acréscimos do que em supressões. Era comum que ele esticasse uma frase com interjeições e expletivos só para reforçar sua oralidade. Entre a primeira e a segunda versão, o romance passou de 534 para 899 laudas datilografadas.

A via aberta por Céline do “escrever como se fala” — espontaneidade aliás aparente, como evidenciam em *Viagem ao fim da noite* os trechos altamente literários — foi desde então palmilhada à exaustão por muitos escritores. Talvez por isso o impacto

que o romance cause no leitor de hoje decorra menos da linguagem inovadora em sua época, do que da virulência com que Bardamu vomita o horror que sente por seus semelhantes. O romance se inicia em 1914 com uma guerra mundial que deixou, só na França, mais de um milhão e meio de mortos. Termina por volta de 1930 com a crise econômica que vai se alastrando pela Europa. Entre as duas datas, Bardamu testemunha a decadência extravagante dos *années folles*, a crise do colonialismo, a desumanidade do capitalismo, a miséria da periferia urbana. É no front, porém, que ele adquire a certeza que há de balizar sua viagem ao fim, ao fundo da noite: “a verdade deste mundo é a morte”, diz. Ricos e pobres, homens e mulheres vivem para empurrar, mais ou menos sutilmente, o vizinho, o parente, o amigo para a morte. Um estudo psicanalítico do romance sugere que este desejo homicida que Bardamu enxerga em todos os que o cercam, com a notável exceção das crianças e da prostituta Molly, seria a interpretação muito pessoal que Céline dava ao conceito freudiano de instinto de morte.

Louis-Ferdinand Destouches (Céline era o nome de sua avó materna e madrinha) nasceu em Courbevoie em 27 de maio de 1894. Seu pai, de origem burguesa, trabalhava numa companhia de seguros; sua mãe, de família de pequenos comerciantes, terá a partir de 1899 uma loja de artigos de renda, moda e lingerie na elegante Passage Choseuil de Paris. Marguerite Destouches sonhava em ver o filho bem colocado no comércio. Mais valiam, portanto, os estágios nos bons estabelecimentos do ramo do que os estudos no Liceu. Louis só fez o curso primário. Dos 13 aos 15 anos viveu em internatos da Alemanha e da Inglaterra para aprender línguas, e dos 15 aos 18 foi “aprendiz” em uma loja de tecidos finos e em duas joalherias. Fazia o serviço militar na Lorena quando em agosto de 1914 estourou a guerra. Em outubro, ferido gravemente por bala no braço direito, foi transferido para Paris. Foram poucas as semanas na frente de batalha, mas traumáticas, deixando-lhe como sequelas para o resto da vida a

insônia, os distúrbios de audição causados por explosões de granadas, e as enxaquecas. Depois de uma temporada em que trabalhou no consulado-geral em Londres, o jovem Louis, reformado, partiu para a África, como gerente de uma plantação na colônia dos Camarões, de onde voltou com malária. Em 1924, já formado em medicina e separado da mulher Edith Follet, com quem teve sua única filha, Colette, ele foi para Genebra trabalhar na seção de higiene da Sociedade das Nações, iniciando aí uma carreira de funcionário internacional que o levou a percorrer a Europa, os Estados Unidos e a África em missões médicas.

Um livro que denunciava com tanta veemência a guerra, o colonialismo, o capitalismo, o taylorismo, a pobreza dos subúrbios, só podia ser de um homem “de esquerda”. E assim foi Céline etiquetado. Para o jornal anarquista *Le Libertaire*, “como não simpatizar com sua insubmissão total à velha sociedade burguesa?”. Para o *Monde*, semanário próximo do Partido Comunista e dirigido por Henri Barbusse, “Céline é um dos nossos”. Para Claude Lévi-Strauss, no *L'Étudiant Socialiste*, *Viagem* era “a obra mais considerável dos últimos dez anos”. Para Simone de Beauvoir, anos depois, “seu anarquismo parecia próximo do nosso”. Houve quem frisasse as ambiguidades ideológicas do romance, mas coube ao escritor comunista Paul Nizan pôr o lúcido pingo nos is: “Essa revolta pura pode levar Céline a qualquer lugar: até nós, contra nós ou a lugar nenhum”.

Levou-o longe demais. Já em 1933 ele começou a denunciar a “demagogia e a hipocrisia” dos intelectuais que faziam “promessas revolucionárias ao proletariado”. Em 1936, irritado com a rejeição quase unânime a seu segundo romance, *Morte a crédito*, contra-atacou acusando seus críticos de serem “todos judeus”. Mas foi em 1937 que iniciou a grande viagem ao antisemitismo e ao racismo, defendidos com uma histeria que até hoje causa perplexidade. No fim de uma noite dessas, não havia aurora possível. O primeiro panfleto, *Bagatelles pour un massacre*, saiu em dezembro. *L'école des cadavres*, um ano depois. O

terceiro, *Les beaux draps*, em fins de 1940, quando na França ocupada pelos nazistas Céline frequentava as recepções de Otto Abetz, embaixador do Terceiro Reich, e já vigorava o estatuto dos judeus. Os três títulos tiveram considerável sucesso, vendendo até 1944, respectivamente, 86 mil, 38 mil e 44 mil exemplares. Nesses anos da Ocupação, Céline escreveu aos jornais pró-nazistas cerca de trinta cartas e deu onze entrevistas aprovando a perseguição aos judeus e o ódio racial.

No últimos anos de vida Céline foi exímio em embaralhar as pistas que desvendariam os episódios comprometedores do seu passado. Mas a realidade vai se impondo. Recentemente, em maio de 1994, o escritor alemão Ernst Jünger confirmou por escrito que era mesmo Céline o homem sentado à sua frente em Paris, numa noite de dezembro de 1941, a exigir dos militares alemães que fuzilassem ou enforcassem os judeus.

Sabendo-se condenado à morte pela Resistência, em 17 de junho de 1944, onze dias após o desembarque das tropas aliadas na Normandia, Céline conseguiu dos alemães um salvo-conduto e fugiu de seu apartamento de Montmartre com a segunda mulher, Lucette Almanzor, e o gato Bébert. Seu destino era a Dinamarca, onde escondera uma reserva em ouro ameihada com os vultosos direitos autorais que recebera até então — a outra parte desse pecúlio, guardada desde antes da guerra num cofre de banco em Amsterdam, acabaria em mãos nazistas. Mas não era fácil atravessar a Alemanha, e o dr. Destouches aceitou então ser o médico da colônia de dois mil franceses, a fina flor do colaboracionismo, que em fins de 1944 tentava salvar a pele em Sigmaringen, ao lado do marechal Pétain e dos ex-ministros do regime de Vichy. A temporada alemã está contada na trilogia *D'un château l'autre*, *Nord* e *Rigodon*.

Os seis anos de exílio na Dinamarca foram amargos. Acusado na França de traição à pátria, ele se livrou da extradição mas passou um ano e meio numa prisão em Copenhague. As mais de mil cartas enviadas nesse período a um punhado de amigos mostra um Céline acuado, sofrendo de delírio de perseguição, obcecado por dinheiro. Na lista dos inimigos imagi-

nários, que estariam conspirando para destruí-lo, ele agora incluía “as valquírias, os Vermelhos, os Batavos, os Gringos, os Judeus, os Maçons, Pretos, Gaullistas e Vichystas”. Ele, que odiava a vida no campo, teve de ir morar, por falta de recursos, numa casa isolada na beira do Báltico, emprestada por seu advogado dinamarquês. Tentou ser reeditado em vários países. Propôs a produtores americanos suas peças de teatro, balés e roteiros de cinema. Sonhou com o asilo nos Estados Unidos, na Suíça e até na Groenlândia. “Boicote total. Sou o anti-Cristo.”

Em fevereiro de 1950 Céline foi condenado em Paris a um ano de prisão, ao humilhante estado de indignidade nacional e ao confisco da metade de seus bens atuais e futuros. Anistiado meses depois, retornou à França em julho de 1951, com Lucette e Bébert, e comprou uma casa em Meudon. Reinscreveu-se na Ordem dos Médicos, pendurou a placa no portão da casa, mas foi Lucette quem ganhou algum dinheiro dando aulas de dança. Durante o processo de Céline, seu amigo Henry Miller expressara o desejo de que “o mundo podia muito bem fechar os olhos para os ‘erros’ de certos homens eminentes que tanto contribuíram para nossa cultura”. Céline não viveu para tanto. Morreu em 1º de julho de 1961, de congestão cerebral, aos 67 anos. Menos de trinta pessoas acompanharam seu enterro ao cemitério de Meudon.

Rosa Freire d’Aguiar

A Élisabeth Craig

*Nossa vida é uma viagem
No inverno e na noite,
Buscamos nossa passagem
No céu em que nada luz.*

CHANSON DES GARDES SUISSES, 1793

Viajar é muito útil, faz a imaginação trabalhar. O resto não passa de decepções e cansaços. Nossa viagem, a nossa, é inteiramente imaginária. É essa sua força.

Ela vai da vida à morte. Homens, animais, cidades e coisas, tudo é imaginado. É um romance, nada mais que uma história fictícia. Diz o Littré, que jamais se engana.

E além disso todo mundo pode fazer o mesmo. Basta fechar os olhos. É do outro lado da vida.

FOI ASSIM QUE ISSO COMEÇOU. Eu nunca tinha dito nada. Nada. Foi Arthur Ganate que me fez falar. Arthur, um estudante de medicina, ele também, um colega. Nos encontramos na praça Clichy. Era depois do almoço. Quer falar comigo. Escuto. “Não vamos ficar do lado de fora!”, ele me diz. “Vamos entrar!” Entro. Pronto. “Essa varanda”, começa, “é para os ovos quentes! Vem para cá!” E aí a gente percebe que não tinha ninguém na rua, por causa do calor; nenhum carro, nada. Quando faz muito frio também não tem ninguém na rua; me lembro até que foi ele quem me disse a esse respeito: “Os parisienses têm cara de quem vive ocupado, mas na verdade passeiam de manhã à noite; a prova é que quando o tempo não está bom para passar, frio demais ou quente demais, eles desaparecem; está tudo dentro, tomando café com leite e cerveja. Assim é! Século de velocidade! é o que dizem. Onde? Grandes mudanças! é o que contam. Como assim? Na verdade nada mudou. Continuam a se admirar, e mais nada. E isso também não tem nada de novo. Palavras, e ainda assim poucas, mesmo entre as palavras, que mudaram! Duas ou três aqui e acolá, umas palavrinhas...”. E aí, muito orgulhosos de termos proclamado essas verdades úteis, ficamos ali sentados, radiantes, olhando as mulheres do bar.

Depois, o papo voltou para o presidente Poincaré que ia inaugurar, justamente naquela manhã, uma exposição de cachorrinhos; e depois, conversa vai conversa vem, para o *Le Temps*, onde isso estava escrito. “Esse aí é um jornal do barulho, o *Le Temps*!”, Arthur mexe comigo. “Igual a ele para defender a raça francesa não tem outro! — Bem que ela precisa, a raça francesa, já que não existe!”, respondi na bucha, para mostrar que eu sabia das coisas.

— Claro que sim! que existe uma! E uma bela de uma raça! — insistia ele —, e é até a raça mais bonita do mundo, e é um

veado quem disser o contrário! — E aí, partiu para me esculhambar. Aguentei firme, é claro.

— É mentira! A raça, o que você chama de raça, não passa dessa grande corja de fodidos de minha espécie, catarrentos, pulguentos, espezinhadados, que vieram parar aqui perseguidos pela fome, pela peste, pelas doenças e pelo frio, os vencidos dos quatro cantos do mundo. Não podiam ir mais longe por causa do mar. A França é isso e os franceses são isso.

— Bardamu — diz-me então, grave e um pouco triste —, nossos pais valiam tanto quanto nós, não fale mal deles!...

— Tem razão, Arthur, nisso você tem razão! Cheios de ódio e dóceis, estuprados, espoliados, sangrados e eternamente babacas, valiam tanto quanto nós! Isso você não pode negar! Nós não mudamos! Nem de meias, nem de mestres, nem de opiniões, ou então tão tarde que não vale mais a pena. Nascemos fiéis, estamos morrendo por causa disso! Soldados gratuitos, heróis para todo mundo e macacos falantes, palavras que sofrem, nós é que somos os xodós do Rei Miséria. É ele que nos possui! Quando a gente se comporta mal, ele nos aperta... Seus dedos estão sempre no nosso pescoço, sempre, isso atrapalha para falar, temos que prestar muita atenção se queremos poder comer... Basta uma coisinha à toa e ele nos estrangula... Isso não é vida...

— Existe o amor, Bardamu!

— Arthur, o amor é o infinito posto ao alcance dos cachorrinhos, e eu tenho minha dignidade, ora essa! — respondo.

— Vamos falar de você! Você é um anarquista, e mais nada! Em todo caso, um espertinho, o que vocês já devem estar notando, e com opiniões para lá de avançadas.

— Você está coberto de razão, sou um anarquista mesmo! E a melhor prova é que escrevi uma espécie de oração vingativa e social pela qual você vai me dar já já os parabéns: AS ASAS DE OURO! É o título!... — E aí recito para ele:

Um Deus que conta os minutos e os tostões, um Deus desesperado, sensual e resmungão como um porco. Um porco com asas de ouro, que cai por todo lado, de barriga para cima, pronto para ser acariciado, é ele, é nosso mestre. Beijemo-nos!

— Sua historinha não se sustenta diante da vida, sou a favor da ordem estabelecida e não gosto de política. E aliás no dia em que a pátria me pedir para derramar meu sangue por ela, há de me encontrar, é claro, e nem um pouco preguiçoso, disposto a lhe dar.

Foi isso que ele me respondeu.

Justamente a guerra se aproximava de nós dois sem que tivéssemos percebido, e minha cabeça já estava meio que batendo pino. Essa discussão curta mas exaltada tinha me cansado. Além do mais, eu também estava aborrecido porque o garçom me tratou de pão-duro por causa da gorjeta. Finalmente, Arthur e eu fizemos as pazes. Tínhamos a mesma opinião sobre quase tudo.

— É verdade, resumindo você tem razão — concordei, conciliador —, mas pensando bem estamos todos sentados numa imensa galera, remando sem parar, não é você que vai me dizer o contrário!... Sentados direto em cima dos pregos, e puxando tudo, nós aqui! E o que é que se tem em troca? Nada! Só porradas, desgraças, mentiras e tudo que é safadeza. Estamos trabalhando! dizem eles. É isso que é ainda mais nojento do que qualquer outra coisa, o trabalho deles. A gente fica lá embaixo, nos porões, botando os bofes pela boca, fedendo, os colhões pingando, e azar o nosso! Lá em cima, no tombadilho, no fresco, estão os mestres, pouco se lixando, com lindas mulheres cor-de-rosa e inundadas de perfumes, nos joelhos. Mandam a gente subir até o tombadilho. E aí, põem suas cartolas e depois nos metem pelo meio da cara um esporro daqueles: “Cambada de escrotos, estamos em guerra!”, dizem. “Vamos atracar onde estão os filhos da puta da pátria número 2, vamos meter-lhes bala nos peitos! Andem! Andem! A bordo vocês têm tudo o que é preciso! Todos em coro! Comecem a se esgoelar, a plenos pulmões, vamos ver só, e que tudo estremeça: *Viva a Pátria número 1!* Que sejam ouvidos de longe! Quem berrar mais alto vai receber a medalha e uns santinhos do Menino Jesus! Santo Deus! E tem mais: quem não quiser morrer no mar pode ir morrer na terra onde a coisa ainda é mais rápida do que aqui!”.

— É isso mesmo! — concordou Arthur, que positivamente agora se convenciu com facilidade.

Mas não é que bem defronte do café onde estávamos sentados um regimento começa a passar, e com o coronel à frente, em seu cavalo? E não é que ele tinha um jeitão muito simpático e tremendamente alegre, o coronel? Quanto a mim, tudo o que eu fiz foi dar um pulo de entusiasmo.

— Vou ver se é assim mesmo! — grito para Arthur —, e lá vou eu me alistar, e ainda por cima a passos rápidos.

— Você é mesmo um bab..., Ferdinand! — é o que ele grita de lá, Arthur, sem a menor dúvida envergonhado pelo espanto que meu heroísmo causava em todos que nos olhavam.

Isso me melindrou um pouco, que ele tomasse a coisa desse jeito, mas nem por isso parei. Eu estava andando a passo. “Já que estou aqui, vou continuar!”, pensei.

— Vamos ver que bicho que vai dar tudo isso, viu, seu bestalhão! — ainda tive até tempo de lhe gritar antes de fazer a curva com o regimento atrás do coronel e de sua música. Foi exatamente assim que isso aconteceu.

E então a gente marchou um tempão. Havia carradas de ruas, e nelas civis e suas mulheres que nos estimulavam e que jogavam flores, das varandas, diante das estações de trem, das igrejas repletas. Como havia patriotas! E depois começou a haver menos patriotas... Caiu uma chuva, e depois cada vez menos e depois mais nenhum estímulo, nem um único, pelo caminho.

Quer dizer que não havia mais ninguém, que só éramos nós? Uns atrás dos outros? A música parou. “Pensando bem”, disse então para mim mesmo, quando vi como era aquilo, “já não tem a menor graça! Vamos ter de recomeçar tudo de novo!” Eu ia ir embora. Mas era tarde demais! Devagarinho, tinham fechado a porta atrás de nós, os civis. Tinham nos agarrado que nem ratos.